

3.

Paisagem geomorfológica em perpétua evolução

O termo paisagem é bastante utilizado em diversos contextos sociais e culturais que imprimem significados distintos e nem sempre assemelham-se à definição adotada por alguns autores. Dentre estes contextos, destaca-se a perspectiva da paisagem nas pinturas, uma vez que representam um pedaço da natureza, tal como a percebemos a partir de um enquadramento (CLAVAL, 2004).

Ressalta-se o período de institucionalização da geografia como ciência, cuja preocupação baseava-se no entendimento e descrição da superfície terrestre. A partir da observação das características naturais e sociais a paisagem passou a ser considerada um dos conceitos-chave para os geógrafos (CORREIA e ROSENDHAL, 1998). Contudo, a verticalização desta ciência e a dicotomia estabelecida entre geografia física e geografia humana proporcionaram novos métodos de investigação e análise da paisagem, cada qual com a sua particularidade.

Na ciência geográfica, desde o século XIX, a análise da paisagem sempre esteve presente em suas pesquisas, desde o início desta disciplina. Duas escolas da geografia merecem destaque em relação ao estudo da paisagem: a alemã e a francesa. A contribuição de ambas as escolas para os estudos da paisagem, deu-se pelos geógrafos viajantes naturalistas, que passavam a descrever “esteticamente” as paisagens por onde passavam.

Dentre estes viajantes, Alexandre von Humboldt merece destaque, sendo um dos pioneiros ao interpretar a paisagem em suas viagens à América do Sul. Em suas observações, preocupou-se em descrever os padrões de relevo Andino através de desenhos, encantando-se com as formas vulcânicas do relevo (Figura 1). Contudo, Humboldt, e boa parte dos geógrafos alemães, apresentam uma descrição bem objetiva com observações pessoais da paisagem (CLAVAL, 2004).



Figura 1: Prancha de Alexandre von Humboldt da paisagem vulcânica na Fazenda de Santa Maria Regla, 1803.

Diferentemente de Humboldt, Friederich Ratzel utilizou o conceito de paisagem sob uma visão antropogênica, “demonstrando que ela é o resultado do distanciamento do espírito humano do seu meio natural” (SCHIER, 2003). Apesar disso, este autor não rompeu totalmente com a visão naturalista, segundo Brunhes (1912),

“Ratzel, na verdade, renovou a maneira de compreender a humanidade e a atividade humana como fatos geográficos. Ele viu os homens como realidades que recobrem parcelas da superfície terrestre, revestimento vivo, digno da observação dos geógrafos, da mesma forma que o revestimento vegetal ou o povoamento animal. (...) Há sobre o solo um traço contínuo do homem.” (BRUNHES, 1912 apud. BESSE, 2006)

Percebe-se neste tipo de abordagem, que as atividades humanas, o cotidiano, que ocorrem sobre a superfície terrestre deixam marcas na paisagem. Com isso, pode-se dizer que o estudo da paisagem deve levar em consideração a importância da cultura que as práticas sociais imprimem no espaço. A paisagem, vista como uma unidade visual com formas visíveis sobre a superfície terrestre está diretamente relacionada à cultura. Carl Sauer em uma de suas obras

interpretou o papel do homem como agente transformador da superfície terrestre, associando estas transformações às inovações tecnológicas, tanto relacionadas à cultura material tais como o uso do fogo, domesticação de plantas; como, também, à cultura não-material, como nas crenças religiosas, sistemas políticas, etc (CROSGROVE, 1998).

Ainda por uma investida da geografia cultural, a paisagem exprime concretamente as relações da sociedade com a natureza e o espaço em determinado momento, o que resultaria em sua transformação contínua através do tempo. Neste sentido, Berque (2004) atenta para dois modos de compreender a paisagem: um deles a partir de um olhar, por uma consciência, e, por outro lado, ela determina esse olhar e consciência. Com isso, o autor trabalha com a ideia de paisagem – marca e paisagem – matriz, onde afirma que:

“A paisagem é uma *marca*, pois expressa uma civilização, mas também é *matriz* porque participa dos esquemas de percepção, da concepção e de ação – ou seja, da cultura – que canalizam em um certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e a natureza e, portanto, a paisagem do seu ecúmeno.” (p. 85)

Este tipo de enfoque pode ser relacionado com o que alguns autores chamam de fisionomia da paisagem (BESSE, 2006). Isto se deve ao fato de que as manifestações culturais são expressas na paisagem, dando características ao espaço. Segundo Besse (2006), “a paisagem é o efeito e a expressão evolutiva de um sistema de causas também evolutivas: uma modificação na cobertura vegetal ou uma mudança nos mecanismos da produção agrícola se traduzem nas aparências visíveis”. Esta “fisionomia da paisagem” como menciona Paul Vidal de La Blache, correspondem à realidade objetivas que caracterizam o território e se a paisagem apresenta uma fisionomia é preciso compreendê-la em sua totalidade expressiva.

A paisagem, portanto, não é apenas uma imagem ou um aspecto visível, ela é uma forma, o observador, ou ainda o geógrafo, deve ultrapassar o aspecto exterior. O geógrafo deve ler a paisagem, sem excluir o visível, porém, qualificá-lo além da experiência sensível. O ponto de partida se dá pela descrição, mas a paisagem não se explica por si só (BESSE, 2006). Cabe ressaltar que a paisagem por si só, não consegue explicar os processos espaciais, isto cabe ao observador.

Outra característica que deve ser mencionada, refere-se às diferentes visões da paisagem. Ao conceber a paisagem na interface entre atmosfera e litosfera/hidrosfera ou entre cultura/natureza, a visão do geógrafo deixa de ser horizontal ou oblíqua, tornando-se uma visão vertical, sendo uma paisagem cartografável. O geógrafo deve ser ativo em relação à paisagem para evitar os simplismos atribuídos à visão vertical, como afirma Claval (2004),

“Quando exploramos um objeto geográfico sob todos os seus ângulos é que tomamos consciência de sua extensão e podemos, a partir de visões horizontais ou oblíquas, imaginar o que forneceria uma visão vertical.” (p. 26)

Claval (2004), para exemplificar esta acepção das distintas visões sobre a paisagem, cita os diferentes locais de descrição do trabalho de Humboldt sobre o relevo Andino. Visto somente de um ponto este não teria uma interpretação adequada das características geológicas e topográficas da região. Neste sentido, “o geógrafo aprende, assim, a multiplicar os pontos de vistas” (CLAVAL, 2004).

No presente trabalho, o entendimento da paisagem terá como referencial os trabalhos de Aziz Ab’Saber, um dos grandes geógrafos brasileiros, no qual apresenta uma descrição diferente de outros pesquisadores à sua época. Embora seus trabalhos tenham sido realizados durante século XX e início do XXI, sua forma de interpretação da paisagem assemelha-se bastante com as descrições feitas pelos geógrafos clássicos, tais como, Humboldt. Para Ab’Saber (2003, p. 9) “a paisagem corresponde sempre à uma herança de processos fisiográficos e biológicos, e patrimônio coletivo dos povos que as herdaram como território”. Diante disso, para o entendimento da paisagem é necessário levar em consideração os processos de formação e como as sociedades se materializam na mesma.

Neste sentido, o reconhecimento de que a paisagem não é apenas uma combinação de elementos independentes entre si que compõem determinada porção da superfície terrestre. Segundo Bertrand (2004),

“É, em uma determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução.”

Na Geomorfologia, o entendimento da evolução paisagem reconhece os diferentes processos geológico-geomorfológicos que influenciaram na dinâmica hidrológica e como estas moldaram o relevo. Estes processos evolutivos da paisagem podem ocorrer numa escala de tempo de milhões de anos, diferente da escala da vida humana, o que imprime um caráter desafiador ao pesquisador no intuito de reconstrução das paisagens pretéritas ou paleo-paisagens. Destaca-se, portanto, a importância da inclusão da escala temporal nas pesquisas de evolução da paisagem geomorfológicas, assumindo, assim, que a paisagem é uma herança e está em perpétua evolução.